

O reconhecimento da costa ocidental de África na cartografia portuguesa e veneziana durante o século XV

André Ferrand de Almeida

CIUHCT – Departamento de História e Filosofia da Ciência, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
andreferrand@gmail.com

Resumo:

Pouco se sabe sobre o início do fabrico de cartas náuticas em Portugal no século XV. As três cartas náuticas portuguesas conhecidas que são datáveis do último quartel do século XV são já reveladoras de uma produção cartográfica consolidada e não permitem, por si só, ter uma ideia clara dos começos da cartografia portuguesa. Encontramos referências ao traçado de cartas de marear por iniciativa do Infante D. Henrique a partir de 1443, numa carta do Infante D. Pedro, a que se juntam as menções na *Crónica dos feitos da Guiné* de Zurara de c. 1453. O mais provável, portanto, é que, pelo menos a partir da década de 40 do século XV, já existisse uma produção de cartas náuticas associada à exploração do Atlântico e ao reconhecimento da costa ocidental africana para sul do Cabo Bojador, ultrapassado por Gil Eanes em 1434.

Para aceder a informação cartográfica de origem portuguesa mais antiga, é preciso recorrer a outras tradições cartográficas. É assim que podemos encontrar na cartografia maiorquina a primeira representação realista dos arquipélagos atlânticos (Canárias, Madeira e Açores) com a indicação dos topónimos respectivos: trata-se da carta portulano de Gabriel Vallseca de 1439. Mas é na cartografia veneziana, que vamos encontrar mais dados que nos permitem entender a evolução da primitiva cartografia portuguesa. A carta náutica de Andrea Bianco, que representa o Atlântico Norte e a linha de costa desde o Mar do Norte até Cabo Roxo, na costa africana, é a mais antiga que se conhece, datável de cerca de 1448. Nesta carta encontramos mais de trinta topónimos novos ao longo da costa africana entre o Cabo Bojador e o Cabo Roxo, sendo também a primeira vez que é figurado o traçado desta linha de costa. O interesse pelo reconhecimento da costa africana teve continuidade nos atlas de Grazioso Benincasa, sobretudo nos de 1468 e 1469, elaborados em Veneza. Aqui encontramos já representadas as principais ilhas do arquipélago de Cabo Verde e a costa africana até Cabo Mesurado, ou mesmo um pouco mais a sul, até ao Cabo de Santa Maria. Isto corresponde, grosso modo, à extensão máxima do reconhecimento da costa africana durante a vida do Infante D. Henrique e tem, provavelmente, por base informações fornecidas por Alvise Ca da Mosto que regressou a Veneza a partir de 1462. Mas Benincasa terá tido acesso a um roteiro ou mesmo a cartas náuticas portuguesas. Só assim se poderia explicar a correcção no desenho da costa e na distribuição dos topónimos, que são em maior número do que os mencionados no relato de Cadamosto.

É, no entanto, no chamado Atlas Cornaro, que pertenceu à família Corner, uma das mais importantes de Veneza nos

séculos XV e XVI, que vamos encontrar mais informação sobre o reconhecimento da costa africana. Este atlas, actualmente na British Library, terá sido compilado por Benedetto Pesina em 1489. Numa das cartas do atlas atribuídas normalmente a Cristoforo Soligo, encontramos figurado, pela primeira vez, o golfo da Guiné desde o cabo Roxo até ao cabo de Santa Catarina e as ilhas de São Tomé e Príncipe e de Fernando Pó. Outra carta abrange a costa africana entre o cabo Formoso e o cabo de S. Braz, tendo marcados os padrões de S. Jorge (a sul da foz do rio Zaire) e de S. Agostinho (no cabo de Santa Maria) colocados por Diogo Cão em 1483.

Para entender o processo de reconhecimento da costa africana e da sua representação cartográfica, procedemos a uma comparação entre as cartas portuguesas e as cartas venezianas tendo em conta a toponímia, o traçado das linhas de costa e os acidentes naturais, mas também as escalas de representação, a orientação da costa e a localização dos topónimos no que toca à latitude. Apesar de não estarmos perante cartas que incorporam uma graduação em latitudes, o que só irá acontecer na cartografia portuguesa a partir do século XVI, isso não significa que não tenham sido feitos cálculos de latitude e que essa informação não tenha influenciado a construção das cartas. A análise cartométrica de algumas destas cartas, sobretudo das cartas venezianas, permite entender melhor a sua construção, nomeadamente pela comparação com as cartas portuguesas a que esta metodologia já foi aplicada com resultados importantes.

Palavras-chave:

Cartas náuticas, costa africana, cartografia portuguesa, cartografia veneziana.